



AS QUESTÕES DE GÊNERO NAS ESCOLAS: DISCURSOS DAS EQUIPES PEDAGÓGICA E DIRETIVA

Suzana da Conceição de Barros¹
Paula Regina Costa Ribeiro²

INTRODUÇÃO

Neste artigo, questionamos o entendimento de gênero como universal e biologicamente determinado – um atributo biológico – buscando discuti-lo como uma construção histórica e cultural. É nesta perspectiva que temos realizado nossos estudos, nos quais buscamos ver e entender como os corpos, gêneros e sexualidades vem sendo falados e articulados pelas equipes pedagógica e diretiva, nas escolas do Ensino Fundamental e Médio, dos municípios do Rio Grande, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar e Chuí, nas quais esses/as profissionais atuam.

Como estratégia de pesquisa, analisamos as narrativas das equipes diretiva e pedagógica (coordenadores/as, assistentes sociais, psicólogos/as, supervisores/as e orientadores/as), que participaram do curso “Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar”³. Os/as profissionais, ao narrarem suas práticas escolares, destacaram alguns entendimentos e discussões a respeito de algumas questões de gênero presentes no contexto escolar. Nesta direção, neste estudo, problematizamos o gênero como uma construção sócio-histórica das distinções baseadas no sexo (LOURO, 1998, 2007, 2008; SCOTT, 1995), o que vale dizer que a masculinidade e a feminilidade, ao contrário do que algumas correntes teóricas postulam, não são constituídas propriamente pelas características biológicas dos corpos dos sujeitos, antes são resultantes de tudo o que se diz ou se representa destas características (LOURO, 2000).

SITUANDO A PERSPECTIVA TEÓRICA

Nesta pesquisa, estabelecemos algumas conexões com os Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas, bem como com algumas proposições de Foucault.

Esse campo de estudo utiliza-se dos diversos campos de saberes, para entender como as práticas culturais produzem efeitos na constituição dos sujeitos. Assim esse campo de estudo tem, como ênfase, “analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade – seus diferentes textos e

¹ Mestre em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande. suzinhab@yahoo.com.br

² Doutora em Ciências Biológicas: Bioquímica. Professora do Instituto de Educação e do PPG Educação em Ciências e Educação Ambiental da FURG. Coordenadora do PPG Educação em Ciências da FURG. E-mail: pribeiro@vetorial.net.

³ O curso buscou discutir e problematizar os/as profissionais da educação as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades, que são de extrema importância e relevância e que nos últimos tempos ganharam centralidade nas modernas sociedades ocidentais.



suas práticas – para entender os padrões de comportamento e constelação de idéias compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem.” (COSTA; HESSEL; SOMMER, 2003, p. 38). Nesta perspectiva, estamos entendendo a família, os filmes, as revistas as desenhos, a escola, as instituições religiosas etc., enquanto espaços que produzem algumas representações de gênero, sexualidade, de corpo, entre outros, fabricando e produzindo sujeitos.

Assim, as instituição escolares, também participam da fabricação das identidades de gênero, sexuais, de raça, de etnia, de cultura etc, ensinando modos de ser, estar, de se comportar na sociedade. Para Louro (2008, p. 64),

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagens, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores.

Assim no espaço da escola, o silenciamento de algumas questões, alguns gestos que fazemos, as piadas que contamos, os brinquedos e os materiais didáticos que usamos, vêm contribuindo na construção das feminilidades e masculinidades, ou seja, vem fabricando alguns modos de ser menino e menina.

Nesse sentido, a escola atua de forma significativa na produção de gênero e para isso ela busca disciplinar os corpos desses/as alunos/as, a fim de torná-los/as cada vez mais dóceis e úteis, determinando maneiras de definir e viver as masculinidades e feminilidades. Para alcançar este objetivo instituições como esta vigiam os mínimos movimentos, controlam e regulam os comportamentos de meninos e meninas, corrigindo e aplicando micropenalidades afim de atingir um padrão ótimo. Para Foucault (2005), a partir do século XVIII, começou a fazer parte de nossa sociedade a disciplina, que tem como propósito à dominação dos corpos, utilizo esse termo não no sentido de que existem dominantes e dominados, mas sim pelo viés de tornar os corpos mais úteis e produtivos para a sociedade.

Assim, nas escolas essa regulação dos corpos, visa garantir e manter uma ordem na relação entre os gêneros. Por esse viés, entendendo os gêneros como construções sócio, históricas e culturais.

METODOLOGIA

Para a produção dos dados narrativos, utilizamos as entrevistas semiestruturadas como estratégia metodológica. Com esse instrumento, não tivemos como propósito captar “verdades” de como esses/as profissionais discutem e tratam as questões de gênero no espaço escolar, mas sim,



utilizamos as entrevistas como ferramentas para propiciar as discussões dessas questões com os/as integrantes das equipes pedagógicas e diretivas.

No total foram quatorze entrevistas, sendo seis profissionais da região de Santa Vitória e Chuí, e oito da região de Rio Grande e São José do Norte. Desses havia um psicólogo e uma psicóloga, uma assistente social, uma supervisora escolar, uma coordenadora escolar, seis orientadoras educacionais e duas vice-diretoras.

Após realizar as entrevistas, percebemos que precisaríamos ampliar nossas discussões, pois as entrevistas só permitiam o debate entre o pesquisador e o sujeito entrevistado e não entre o grupo todo. Deste modo, pensamos na produção de um grupo focal, que se caracteriza como uma ferramenta da pesquisa qualitativa, que é usada quando se tem a intenção de saber mais sobre “representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagem e simbologia prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum.” (GATTI, 2005, p. 11).

Nesta pesquisa, foram realizados dois grupos focais, sendo que um deles foi com os/as profissionais de Santa Vitória e Chuí, e outro com os/as profissionais das regiões de Rio Grande e São José do Norte. Participaram, desses grupos de discussões, somente os/as profissionais que tinham sido entrevistados/as anteriormente. Todos os encontros foram filmados e transcritos.

Tanto as entrevistas semiestruturadas quanto o grupo focal possibilitaram conhecer como os corpos, gêneros e sexualidades vêm sendo discutidos nas escolas onde esses sujeitos atuam, bem como permitiram uma maior compreensão sobre o que eles/elas entendem ser suas “atribuições” nas discussões relacionadas a essas temáticas no espaço escolar.

Durante todas as etapas de produção dos dados, notamos que as questões de gênero atravessavam diretamente as discussões realizadas, sendo narrados diversos casos que ocorriam na escola e fora desse ambiente sobre essas questões. Neste sentido, este artigo tem como objetivo analisar os discursos relacionados às questões de gêneros dos/das profissionais das equipes pedagógicas e diretivas, participantes do curso “Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar.”

ANALISANDO OS DISCURSOS DAS EQUIPES PEDAGÓGICAS E DIRETIVAS

Na análise das narrativas desses/as profissionais, percebemos que nas escolas em que os integrantes das equipes pedagógicas e diretivas que fizeram parte dessa pesquisa atuam, ocorre uma separação dos banheiros, assim como em quase todas as outras instituições escolares e sociais,



existe um banheiro só para meninas e outro, só para meninos: “os banheiros públicos em geral, assim como os escolares, são tradicionalmente separados por sexo, diferentemente dos banheiros domésticos” (TEIXEIRA; RAPOSO, 2009, p. 1). Nesse sentido, espera-se que cada um deve usar o seu banheiro. No entanto, em uma das escolas, existe um aluno surdo que frequentemente utiliza os banheiros das meninas, causando um “alvoroço” nessa escola, como nos narra a vice-diretora:

A questão do banheiro, porque é masculino e feminino, até é um questionamento que eu tenho para fazer para uma mãe: Nós estamos com um menino surdo na escola e ele usa o banheiro feminino. Raramente ele usa o banheiro masculino. E o que as crianças dizem: Ahm, ele entrou no banheiro das meninas: Quem entrou? Tem um guri no banheiro das meninas. Eu disse: Que guri? Aquele que não fala. Então, quando são de outras turmas, não conhecem ele, dizem: Aquele que não fala. Então eu questiono o seguinte: Na tua casa tem um banheiro para o teu pai e outro para tua mãe? Não é só um banheiro? Eu disse. Então, qual é o problema? (V.).

Assim, essa separação dos banheiros entre femininos e masculinos, e a resistência ainda existente de implementar banheiros *unissex* nas escolas, é um dos exemplos que podemos citar a respeito das delimitações de lugares restritos a homens e mulheres. Desse modo, essa prática vem ensinando modos, lugares, comportamentos que meninos e meninas devem seguir, contribuindo, dessa forma, para a construção das diferenças entre gêneros.

Por esse viés, são construídos alguns argumentos atravessados por representações de gênero para explicar a separação desse espaço, produzindo, dessa maneira, alguns significados relacionados às questões de gênero. Segundo Teixeira e Raposo:

Banheiros públicos unissex são raros e supõe-se que as razões para a separação sejam: (a) em geral, privacidade — pessoas do mesmo sexo podem se ver nuas, mas pessoas de sexos opostos (numa perspectiva heterossexual) não sem despertar impulsos (atração ou repulsa) sexuais indesejáveis; (b) em particular, conforto e higiene feminina e masculina (2009, p. 1).

A problemática dos banheiros separados não se limita apenas a separar meninos de meninas, mas também a causar problemas referentes a sujeitos que não se adaptam nesses moldes designados aos gêneros, como os bissexuais, transexuais, transgêneros, lésbicas e *gays*. Para Teixeira e Raposo, (2009, p. 9), essas “múltiplas formas de sexualidade e gênero que ora ganham visibilidade pública e civil questionam a distinção binária de sexo/gênero, expressa nos banheiros públicos, para apontar a sua insuficiência e sua inadequação.” Desse modo, esse tipo de delimitação produz entendimentos e ensinamentos referentes a alguns valores e alguns tipos de comportamento.

Outro caso relacionado às questões de separação entre os gêneros no espaço da escola ocorre na Educação Física escolar. Uma das profissionais narra o quanto ainda está imbricado, no comportamento dos meninos e das meninas, a separação entre esses dois grupos para as aulas dessa



disciplina. Assim ela nos conta que, mesmo as aulas sendo mistas, quando ocorrem determinadas atividades, a separação entre os gêneros é inevitável. Como podemos perceber no excerto abaixo:

Ainda está muito enraizada na estrutura escola. Eu trabalho com Educação Física e, ainda, tem aula mista. Mas, ao mesmo tempo, entre eles, eles querem tá junto. Mas daqui a pouco, na hora, se for para jogar de verdade, os guris para cá e as gurias para lá. E assim vai. Tem muita coisa ainda, muito enraizada, para a gente consegui mudar e fazer diferente dentro da escola. (D.).

Desse modo, é possível perceber, nessa narrativa, o quanto ainda está impregnada a questão da separação entre meninos e meninas nas atividades propostas na disciplina de Educação Física. Ocorrem, inclusive, certas resistências para que essa atividade seja realizada em conjunto. Esse afastamento de meninos e meninas na hora de certas atividades está vinculado a um processo histórico e social, o qual foi construindo alguns discursos de que meninos são mais fortes, mais ágeis e agressivos do que meninas e, por isso, podem machucar as meninas no decorrer das tarefas exigidas pelos/as professores/as. Além disso, essa distinção entre os grupos está atrelada à questão da sexualidade. Esses dois grupos separam-se para que não ocorram contatos físicos. Para Louro (2008, p. 75), a justificativa utilizada por muito tempo para que ocorram essas separações nas aulas de Educação Física, relaciona-se ao fato de que algumas atividades,

[...] vão “contra” a feminilidade, ou melhor, se opõem a um determinado ideal feminino heterossexual, ligado à fragilidade, à passividade e à “graça”. Agregam-se aí outros argumentos, como o fato de que tais atividades podem “machucar” os seios ou os órgãos das meninas (curiosamente esse argumento não é, colocado em relação aos meninos), bem como podem estimular contatos entre as garotas que não seriam desejáveis.

Assim, podemos discutir que a separação das atividades entre meninas e meninos acontece com intuito de regular e examinar esses corpos, procurando evitar um “despertar” das sexualidades, que poderia ocorrer caso esses corpos femininos e masculinos entrassem em contato.

Outro modo de realizar essas repartições entre meninos e meninas vem a ser a ordenação das filas. Nas escolas, para levar os alunos/as a determinado ambiente, sempre são distribuídos em duas filas, uma apenas de meninos, outra apenas de meninas. Como notamos nas narrativas abaixo:

[...] hoje a escola ainda tem coisas que a gente se questiona. Ainda a escola é feita de fila de menino, fila de menina. Tem várias coisas, que a gente precisa repensar, que ainda estão muito enraizada na estrutura escola. (D.).

Para Foucault (2005a, p. 125), “A ordenação por fileiras, no século XVII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar”. Assim, os/as alunos/as são distribuídos/as em filas de meninos e de meninas, do/a maior para o menor, do/a mais agitado/a para os mais quietinhos/as. Desse modo, os/as alunos/as são classificados/as o tempo inteiro na escola, aprendendo os lugares que devem ocupar. Nesse caso, meninos e meninas devem estar separados.



No entanto, em diversos outros lugares, esses meninos e meninas escolares, brincam, jogam e convivem juntos, podendo escolher com quem preferem brincar e conversar. Para Louro (2008, p. 78), “a situação de escola muitas vezes favorece o agrupamento das crianças por gênero, mais do que ocorre nas amizades de vizinhanças ou nos *playgrounds*, onde grupos mistos são freqüentes.”

No decorrer das entrevistas, um caso torna se marcante. Geralmente, quando falamos das questões de gênero na escola, percebemos que ocorre uma naturalização e um reforço de alguns atributos ditos como femininos e outros ditos como masculinos. Segundo Wolff (2006, p. 19), “as abordagens sobre gênero e crianças são pequenas e quase sempre estão pautadas nas diferenças, e parece-me que há, em muitos casos, uma naturalização dessas diferenças”. Assim, atividades como brincar de casinha, de boneca e cozinhar, geralmente são atribuídos as meninas, enquanto para os meninos as brincadeiras ficam em torno de jogar futebol, brincar de carrinhos, entre outros. No entanto, na narrativa abaixo, podemos notar que a profissional permitiu, através de algumas atividades, como a produção de um bolo, como a leitura de historinhas e como a troca de brincadeiras “ditas” de meninas e de meninos, problematizar as questões de gênero, buscando, dessa maneira, uma equidade de gênero:

[...] a gente fez brincadeiras coletivas. Os meninos experimentaram brincar só com as coisas de gurias: com panelinha, com bonecas: Eles adoraram, porque eles, ou eram o pai, outro, o médico: Curtiram brincar com as gurias. Tinha até uma casinha de pano. Peguei emprestada a sala de recursos. Brincaram de casinha. Depois, outro dia, as gurias foram brincar de futebol, de carrinho. Aí eles viram que todo mundo se diverte com as mesmas coisas que se diz que são só de menino e de menina. (S.).

Entendendo que nossas identidades de gênero são constituídas nas diversas instituições sociais, tais como a escola, a família, a mídia (impressa, televisiva, radiofônica etc.), compreendemos que essas discussões e brincadeiras, realizadas por essa profissional na escola, são importantes, pois permitem que os/as alunos/as pensem e reflitam sobre essas questões. Desse modo, essas atividades possibilitam diversas aprendizagens, desmistificando ou desnaturalizando a questão de que existem trabalhos e brinquedos apenas de meninos e de meninas.

ENFIM...

Ao analisar as narrativas desses/as profissionais integrantes das equipes pedagógica e diretiva, percebemos o quanto as questões de gêneros estão presentes no cotidiano das escolas. Desse modo, entendemos que a escola, assim como outras instituições, vem participando na



produção das feminilidades e masculinidades. Assim essa instância social tem sido um local de destaque na produção das identidades (de gênero, sexuais, de etnia, de classe...), pois, muito mais do que transmitir conhecimento, ela participa na construção dos sujeitos.

Esperamos que este estudo contribua com informações importantes sobre as questões relativas às questões de gênero, permitindo outras maneiras de pensar tal temática, que possibilite entender essas questões enquanto constructos sociais, culturais, históricas e linguísticas, e não como algo dado *a priori*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Marisa Vorraber; HESSEL, Rosa; SOMMER, Luís. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas (SP), nº 23, Maio/Jun/Jul/Ago. 2003. P. 36-61.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005a.

_____. **Em defesa da sociedade: curso no collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**, v. 25, n. 2, p. 59-76, jul./dez., 2000.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Pedagogias da Sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. p. 83 – 111. 2007.

_____. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar (Org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 85-96.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-100, jul./dez., 1995.

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins; RAPOSO, Ana Elvira Steinbach Silva. **BANHEIROS ESCOLARES – PROMOTORES DE DIFERENÇAS DE GÊNERO**. In: 30a. Reunião Anual da Anped. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3472--Int.pdf>. 2007 >. Acesso em: 19 de dezembro de 2009.

WOLFF, CARLOS CASTILHO. **COMO É SER MENINO E MENINA NA ESCOLA: Um estudo de caso sobre as relações de gênero no espaço escolar**. Santa Catarina, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação, do Centro de Ciências da Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.